

FLORESTAN FERNANDES, UM SOCIOLOGO SOCIALISTA

Heloísa Fernandes¹⁶

PANORAMA DA VIDA E DA OBRA

Florestan Fernandes e sociologia são como duas faces da mesma moeda. Ele trabalhou arduamente para a construção da sociologia moderna no Brasil e ela deu reconhecimento e projeção à sua existência. Nenhum teria sido o mesmo sem o outro e até parece que estavam mutuamente predestinados.

Não por acaso, em 2005, aos dez anos da sua morte, seu nome foi indicado para patrono da sociologia no Brasil. De fato, Florestan deixou mais de quarenta livros publicados, sobre os mais diversos temas, muitos deles considerados clássicos da sociologia. Dessa obra imensa, já se disse que ela funda uma nova interpretação do Brasil (Ianni, 1986); cria uma interpretação brasileira da sociologia (Martins, 1998); constrói uma perspectiva de análise especificamente sociológica (Cohn, 1987); apresenta uma linguagem comprometida com o rigor teórico e metodológico (Cardoso, F.H., 1987); e que, “sem referência à sua obra, é impossível entender o Brasil contemporâneo com a mesma agudeza e precisão” (Martins, 1998: 23). Como fazem os fundadores, Florestan inventou uma matriz de interpretação, fundou um estilo de trabalho e exerceu seu ofício como uma vocação ou, até mesmo, como uma missão. Com a generosidade dos sábios, Antonio Candido, seu grande amigo, afirma que a integridade extraordinária e a consciência intelectual e política fazem de Florestan “o homem mais eminente da minha geração” (2001: 32).

A grandeza do homem e da obra desafia quem pretenda apresentá-los. Não penso e nem quero. Prefiro pegar um único fio e seguir adiante. Encontrei quem dissesse uma verdade singela, mas profunda: que se trata de uma *obra na primeira pessoa*, escrita e pensada com fortes marcas autobiográficas (Freitas, 1997). De fato, o próprio Florestan afirmou que “iniciei minha aprendizagem aos seis anos, quando

¹⁶ Doutora e Livre-docente em Sociologia, professora da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, e professora aposentada do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Uma versão modificada deste texto encontra-se na minha “Apresentação” à antologia que organizei sobre Florestan Fernandes, *Dominación y Desigualdad, el dilema social latinoamericano*, Clacso e Siglo Del Hombre Editores, Colômbia, 2008, p. 9-35. Agradeço ao saudoso Carlos Nelson Coutinho o convite para que o texto fosse publicado como *Apresentação* à reedição do *Brasil: Em Compasso de Espera*, de Florestan Fernandes, editora UFRJ, 2011, p. 9-29. É com muito orgulho e satisfação que ofereço aos leitores da **Revista Florestan** da graduação em Ciências Sociais da UFSCar. O trabalho é dedicado a João Pedro Stédile pois foi graças ao seu incentivo que eu aceitei o desafio de apresentar a obra de um autor tão complexo e que, além do mais, é meu pai.

precisei ganhar a vida como se fosse um adulto”, “eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições de vida” (Fernandes, F., 1977: 142). Sua experiência de mundo começou a ser tecida nessa infância que ele praticamente não teve.

Nasceu na cidade de São Paulo, em julho de 1920, quando a cidade, graças à riqueza propiciada pela exportação de café, iniciava seu processo de urbanização. É filho natural de Maria Fernandes, uma camponesa analfabeta.¹⁷ No final do século XIX, ainda menina, ela havia emigrado, com a família, da zona rural do Minho, em Portugal, para as fazendas de café, no interior do Estado de São Paulo e nunca esqueceu a fartura dos sacos de arroz, feijão, milho e batata com os quais eram recebidos os colonos imigrantes, que vinham substituir os negros, recém-libertos da escravidão e condenados ao mais cruel abandono.¹⁸

Florestan nasceu na casa de uma família abastada, na qual sua mãe, recém-chegada do campo, trabalhava como empregada doméstica. Os patrões foram seus padrinhos de batismo e, graças a estes acasos que marcam alguns destinos, o menino conheceu o estilo de vida da elite urbana, onde a patroa falava francês e tocava piano. Como muitas crianças negras desta mesma época, também Florestan foi uma “*cria da casa*” das famílias brancas da elite paulistana dos inícios do século XX e passou pela mesma experiência de socialização do paternalismo branco que ele próprio descreveria com tanta sensibilidade, afirmando que ela é uma experiência que afeta o horizonte cultural dessas crianças, gerando nelas o anseio de “ser gente”, o que explicaria porque recusam aceitar “tratamento indigno” e a sua “ânsia incontida de melhorar de vida, de querer subir, aceitando todos os sacrifícios para a melhoria da sua educação na crença de que seus esforços serão recompensados”; um sonho de ascensão cujo preço é “ter de aceitar friamente o mundo em que vivemos, como ele é (...) deixando para o futuro remoto a transformação da mentalidade dos ‘brancos’ ou da ordem social”, pois a luta insana para sair individualmente “do fundo do poço” onde se encontram exige que desistam de qualquer “tentativa de modificar estruturalmente a situação coletiva” (Fernandes, F., 1965, v. 2: 139).

Mas Florestan foi *cria da casa* pouco tempo. Quando sua mãe deixa o emprego para tentar a vida de modo autônomo, lavando roupa para fora, Florestan começa a viver em cortiços, em porões e em quartos alugados. É quando, como ele diz, conhece “o lado trágico da vida de São Paulo (...) de modo que, quando estudei o

¹⁷ Como deputado da Assembléia Nacional Constituinte de 1986, Florestan propôs a emenda que garante a igualdade de direitos e proíbe qualquer discriminação dos filhos adotivos ou nascidos fora do casamento (Soares, 1997: 111).

¹⁸ Lançado ao trabalho livre sem que Estado, Igreja ou qualquer instituição assumisse alguma responsabilidade por sua manutenção e segurança, o liberto foi convertido em senhor de si mesmo, responsável por sua pessoa e pelos seus descendentes, despojado dos meios materiais e morais para realizar essa proeza, razões pelas quais a Abolição adquiriu o caráter da mais extrema espoliação e de uma atroz ironia (Fernandes, F., 1965: 1).

negro, havia muito de experiência própria. Não era experiência contada” (Fernandes, F., 1980:11).

Aos seis anos, começa a fazer biscates em troca de gorjetas, nas barbearias e no pequeno comércio, até descobrir que ser engraxate dava dinheiro e decide disputar a tapas o seu lugar de trabalho. Aos oito anos, quando a situação familiar piora, o engraxate abandona a escola, com apenas três anos do ensino elementar.¹⁹

A criança *cria da casa* rompeu o horizonte do analfabetismo da mãe, ganhou curiosidade, amor aos livros²⁰ e um intenso desejo de “ser gente”. Como aquele tenente negro que ele mesmo entrevistou, sabia que precisaria estudar freneticamente, tornar-se um autodidata, ocupar as bibliotecas públicas todo o tempo disponível, ler tudo que lhe caísse nas mãos, pois “se outros podiam passar sem saber muito, ele (...), dificilmente passaria se não soubesse tudo, *tudo*” (Fernandes, F., 1965, v.2: 243).

Vivendo ao léu, comendo quando dava, sofrendo humilhações, Florestan vive nas ruas a experiência da exclusão, da violência e do preconceito, temas que são marcantes na sua obra sociológica. Aprendeu com as duras lições da fome, do medo e do desamparo.²¹ Como sociólogo, nunca idealizou a pobreza que, ao contrário, queria ver superada; e seus alunos cansaram de ouvi-lo dizer que só se torna sociólogo quem deseja algo socialmente, isto é, quem tenha um desejo coletivo.

De fato, não se pode separar Florestan da sua história — e ela começou lá pelos seus seis anos: quando o pequeno aprendiz de sociólogo imaginou construir uma saída para si mesmo, acabou encontrando, na sociologia, os caminhos que defenderá para todos os seus, isto é, para os trabalhadores, livres e semilivres, que é como nomeará, não só os camponeses, como todos esses pobres, índios, negros e imigrantes, que, como ocorreu com ele, vivem nos interstícios, nos espaços vazios e nas zonas de transição das cidades, a “gentinha”, para a qual a condição operária é uma verdadeira ascensão social.

O passo decisivo foi dado quando, aos dezessete anos, decide retornar à educação formal inscrevendo-se para o curso de madureza noturno graças ao qual, três anos depois, adquire condições de disputar um lugar na universidade. Em 1941, é aprovado para fazer o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da

¹⁹ Florestan teve uma irmã mais nova que ele, Tereza, que faleceu aos três anos de idade, vítima de meningite.

²⁰ “As pessoas me davam livros. Isso é uma coisa muito curiosa, eu sempre ganhei muito livro (...) os fregueses conversavam comigo e viam que eu tinha interesse (...) e me davam livros” (Fernandes, F., 1980: 11).

²¹ Florestan gostava de nos contar, à sua família, como era inteligente devolvendo as moedas que sua madrinha espalhava pelos cantos da casa, só para testar sua honestidade. Como engraxate, mentia para a mãe e escondia nos sapatos algumas moedas, mas não era para gastar, era para “dosar a entrada de dinheiro em casa. Havia dias em que não tinha trabalho e eu não queria submeter a família à privação” (Fernandes, F., 1980: 16). Ardis da criança frente aos mundos tão drasticamente diferentes dos adultos: como *cria da casa*, devolvia as moedas, por esperteza; como “menino ao léu”, era obrigado a escondê-las, por “prudência antecipada”.

Universidade de São Paulo, que é pública e gratuita. Ingressa numa faculdade recém-inaugurada (1934), onde quase tudo ainda está em efervescente construção e na qual professores recém-chegados da França, que mal sabem falar português, lecionam em francês.²²

A universidade faz parte de um complexo contexto social e político marcado pela crise da oligarquia cafeeira paulista, pela intensa urbanização da cidade e pela industrialização crescente. É neste contexto que um projeto liberal assumido por uma fração da elite dominante começa a construir uma hegemonia intelectual e moral comprometida com a defesa da ciência e com uma certa democratização do ensino e da universidade, que é a sua filha diletta (Garcia, 2002). Formalmente proclamada para funcionar segundo os critérios acadêmicos de seleção, avaliação e promoção, a universidade é uma instituição que incentiva o mérito e a capacidade individual numa sociedade onde a riqueza e, especialmente, a origem familiar continuam decidindo quem “é gente”.

Acima de tudo, Florestan está ingressando numa faculdade habitada pelo educador Fernando de Azevedo, animado pelo ideal de formar uma elite dirigente recrutada entre os mais capazes, independentemente da sua origem social.

Recém-egresso dos quadros mentais da cultura de *folk* (Fernandes, F., 1977: 161), Florestan ascende ao “mundo dos letrados” e ao projeto de democratização da sociedade pela via da educação, que ele acaba de encarnar. No fundo, apenas um sujeito como ele, disposto aos piores sacrifícios que só a ideologia do mérito é capaz de impor, poderia ter assumido com tamanha convicção a face mais utópica e generosa do radicalismo burguês.²³ Os ideais encontraram seu sujeito e até produziram um mito. Hoje, mais de sessenta anos após aquele evento, não é casual que, numa sociedade que continua tão escandalosamente injusta e excludente, como a brasileira, Florestan tenha se tornado uma espécie de herói. Para a elite, Florestan é uma prova de que somos uma sociedade aberta ao mérito e disposta a reconhecer os mais capazes, pois “a pobreza não lhe serviu de pretexto para não estudar, para desmerecer a educação formal”²⁴. Quanto aos movimentos populares e aos trabalhadores, muitos se orgulham de

²² Além das enormes deficiências da sua formação intelectual, Florestan encontrou mais esta barreira de uma língua que mal compreendia.

²³ Florestan tornou-se um defensor ferrenho da educação pública universal, laica, gratuita pela qual lutou em várias frentes, desde a década de 1950. Em 1987, como deputado federal na Assembléia Nacional Constituinte, defendeu que o sistema público de ensino deveria ser capaz de fazer a revolução cultural a partir da escola (Soares, 1997: 109). Hoje, muitas escolas públicas de primeiro grau têm seu nome, Brasil afora, especialmente nos bairros pobres da periferia das cidades. Nas escolas do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra), é costume espalhar cartazes com uma frase atribuída a Florestan: “façamos a revolução na sala de aula, que o povo a fará nas ruas”.

²⁴ Justificação apresentada pelo deputado federal Celso Russomano, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), para justificar o Projeto de Lei, de 2005, que declara Florestan Fernandes patrono da sociologia brasileira.

Florestan como um homem do povo que venceu inúmeras adversidades, foi reconhecido pelos “de cima”, mas não se deixou corromper nem cooptar.²⁵

Ainda aluno, Florestan revela sua vocação para a pesquisa de campo e para o trabalho de reconstrução histórica. Começava a nascer um sociólogo para o qual a explicação e interpretação sociológicas assentam-se em farto material de pesquisa, empírico e histórico. Ainda na graduação, aceita o convite de Fernando de Azevedo para ser seu assistente. Ao mesmo tempo, faz pós-graduação na Escola de Sociologia e Política, onde foi buscar qualificação para pesquisa de campo e uma formação na bibliografia norte-americana. Ascende rapidamente na titulação universitária: o mestrado, *A organização social dos tupinambá*, em 1947; o doutorado, *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, em 1951; e a livre-docência, *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia*, em 1953. No início da década de 1950, trabalha com Roger Bastide, na pesquisa sobre relações raciais no Brasil. Em 1952, substitui na cátedra o professor Roger Bastide, que voltava para a França, e inicia o período de maior prestígio da sua produção acadêmica:

Eu estava disposto a lutar com qualquer um que dissesse que nós não somos capazes de impor a nossa marca à sociologia. Ao antigo símbolo do *made in France*, eu pretendia opor o *feito no Brasil*. Não estava em busca de uma estreita “sociologia brasileira”. Pretendia, isso sim, implantar e formar padrões de trabalho que nos permitissem alcançar o nosso modo de pensar sociologicamente e a nossa contribuição à sociologia (Fernandes, F., 1977: 178).

Durante quase quinze anos (de 1955 a 1969) dirige um grupo de sociólogos, que seria conhecido pelo nome de “Escola Paulista de Sociologia”, do qual fazem parte, entre outros, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Marialice Foracchi, Luiz Pereira, Gabriel Cohn e José de Souza Martins.

Em 1960, Florestan parece convencido que o futuro caminha em direção à “ordem social planificada” e que a sociologia pode ser “tão útil ao homem na transição da ordem social competitiva para a ordem social planificada, quanto na construção e aperfeiçoamento indefinidos desta última” (Fernandes, F., 1976: 108).²⁶ Orgulhoso do estatuto de “ciência rainha”, que atribuiu à sociologia por causa da sua qualificação para realizar o diagnóstico científico dos problemas sociais e propor as devidas

²⁵ Há um cordel, que é uma das formas de expressão da cultura popular brasileira, dedicado a ele que se chama *Florestan Fernandes, o engraxate que se tornou sociólogo* (Araújo, 1996).

²⁶ Estamos na década em que o mapa latino-americano está ocupado pela CEPAL, pela Aliança para o Progresso, pela revolução cubana. Nas Ciências Sociais, dominam as idéias de planejamento estatal; de diagnóstico dos problemas sociais; de técnicas de controle social e de mudança social provocada. Florestan, leitor precoce de Karl Mannheim, reforça ainda mais seus laços de filiação com este autor com vasta obra em defesa da planificação, da universalização da educação democrática e do papel dos intelectuais como mediadores da contradição entre capital e trabalho. Mais tarde, Florestan dirá que ele foi um “socialista róseo”, à procura de um terceiro caminho que pudesse conciliar socialismo e democracia (Fernandes, F., 1978: 19)

técnicas de mudança social provocada, decide modificar a famosa frase de Hans Freyer (1944): em vez de “só vê algo socialmente quem quer algo socialmente”, seria melhor dizer que “só quer algo socialmente quem vê algo sociologicamente” (Fernandes, F., 1976: 96). No Brasil, as “mudanças de base” pretendem obter o crescimento econômico, a expansão tecnológica e, mais especialmente, a *democratização do poder* (Fernandes, F., 1976: 267). Para ele, a questão central nunca foi o desenvolvimento, mas a democracia. “Se o desenvolvimento se acelerasse e o processo de democratização não se acelerasse, não haveria um ganho real” (Fernandes, F., 1980: 28).²⁷

Em abril de 1964, defende sua última tese acadêmica, *A integração do negro na sociedade de classes*, onde submete à interpretação os dados da pesquisa sobre relações raciais. Procurou combinar a análise sincrônica com a análise diacrônica, acompanhando a desagregação do regime servil e a emergência da ordem social competitiva, isto é, capitalista, mas sob forte persistência da concepção tradicionalista do mundo (Fernandes, F., 1965: XII). Ele mesmo esclarece que “a escolha da ordem social competitiva, como foco de referência das observações, não nasce de qualquer convicção do autor de que ela seja uma ordem social natural ou que ela proporcionará as soluções efetivas para o dilema racial brasileiro” (Fernandes, F., 1965: XIII).

Com o título de catedrático, Florestan chega ao ápice da carreira universitária no mesmo momento em que a ditadura militar interrompia brutalmente dezoito anos de vida democrática no Brasil. Ele, que havia lutado contra a ditadura de Getúlio Vargas; que havia sido militante de um pequeno partido trotskista; que estava na luta de resistência contra a ditadura de Salazar, assume posições firmes em defesa da democracia, da autonomia universitária e da dignidade do intelectual, transformando “sua enorme reputação como sociólogo e a cadeira que ocupava na USP numa pequena fortaleza contra a ditadura.” (Soares, 1997: 150). Na universidade, a cisão entre direita e esquerda facilitou a instauração de um inquérito policial-militar que convoca vários professores para depor; entre eles, Florestan, que termina sendo preso, por alguns dias, em setembro de 1964. Em 1965, muito visado pela ditadura, aceita o conselho dos amigos para se afastar e embarca para os Estados Unidos, para lecionar na Universidade de Colúmbia. Retornando ao Brasil, em 1966, participa ativamente da luta contra a ditadura e, numa entrevista à grande imprensa, conclama a população civil a assumir a luta de resistência; se necessário, recorrendo às armas.

Tenho a impressão de que este período que vai de 64 a 68 foi o período de verdadeiro amadurecimento da luta por uma democracia real no Brasil (...); realmente a sociedade brasileira viveu, naquele curto período de tempo, a tal fase pré-revolucionária que alguns tinham colocado no início da década de 60. Todavia, a experiência foi vivida por forças muito reduzidas, na verdade só os setores realmente radicais, mais politizados, da classe média, alguns elementos de origem sindical e muitos estudantes se engajaram no processo.

²⁷ Avaliando este período, Florestan esclarece que “a idéia de uma ‘revolução democrática’ representava uma hipótese necessária, à qual não podíamos escapar” (Fernandes, F., 1977: 199).

(...) Nós perdemos muito, porque se a ditadura tivesse sido combatida por um conjunto maior de forças, o que sairia daí seria uma evolução no sentido de destroçar, de uma vez, a democracia restrita” (Fernandes, F., 1980: 32).

A luta foi travada, os defensores da democracia foram derrotados; vitoriosa, a ditadura assume sua face mais duramente repressiva. Florestan está na primeira lista de cassados e compulsoriamente aposentados pela ditadura, em abril de 1969. Pouco depois, dois dos seus assistentes mais titulados têm o mesmo destino: Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso.

Aos quarenta e oito anos de idade, Florestan estava sendo expulso daquele mundo que se tornara a razão de ser da sua vida. Impedindo-o de trabalhar como professor, ou em qualquer outra atividade, a ditadura retirava o seu chão institucional (Cardoso, M.L., 2005: 193), obrigando-o a viver a experiência do homem marginal, de modo semelhante à do bororo Tiago Marques Aipobureo, sobre o qual escrevera quando ainda era um jovem de vinte e cinco anos.²⁸

Florestan escolhe o exílio e aceita o convite para lecionar na Universidade de Toronto, no Canadá. Embarca só, sem a família, no mesmo ano de 1969.²⁹ Muito bem acolhido, conquista o cargo de professor titular, mas o fato é que, para ele, o exílio significa viver arrancado do seu país, da sua língua, dos seus sonhos e das suas lutas. Ele mesmo dirá que “retirado do seu ambiente, o intelectual não tem vida, é uma planta de estufa que morre precocemente” (1978: 27). Seu exílio se transforma num período de vida dramático, que prepara a eclosão do novo. Dois textos dão testemunho da ruptura. O primeiro, de 1969, *Sociólogos: os novos mandarins?*, escrito quando chegou ao Canadá, onde afirma “eu sou, ao mesmo tempo, sociólogo e socialista”, embora a sociologia permaneça como verdadeiro centro de referência do seu discurso (1977: 268). O outro, *A geração perdida*, escrito quando retornou ao Brasil, mas imerso na experiência do exílio. Texto duro, pesado, doloroso. Implacável, Florestan quer saber onde nós, socialistas, falhamos e para onde vamos. No centro do seu discurso já não está a sociologia, mas o povo:

Devemos colocar-nos a serviço do povo brasileiro, para que ele adquira (...) a consciência de si próprio e possa desencadear, por sua própria conta, a revolução nacional que instaure no Brasil uma ordem social democrática e um Estado fundado na dominação efetiva da maioria (1977: 214).

No Canadá, utiliza seu tempo livre para estudar a revolução socialista na Rússia, na China e em Cuba. Foi assim que liquidou

²⁸ Para uma análise comparativa das duas biografias, veja-se Arruda, 2001: 303-313.

²⁹ Casado, Florestan teve seis filhos; quase todos estávamos, nessa época, saindo da adolescência, com compromissos assumidos no Brasil. Eu, a mais velha, já era casada e fazia faculdade e duas outras irmãs estavam noivas.

as últimas hesitações e todas as esperanças: dentro do capitalismo, só existem saídas, na América Latina, para as minorias ricas, para as multinacionais, para as nações capitalistas hegemônicas e a sua superpotência, os Estados Unidos (...); não oferece alternativas para a maioria (...). Eu estava pronto para escrever a última parte do *A revolução burguesa no Brasil* (Fernandes, F., 1977: 203).

Em 1972, abandona a neve do Canadá para mergulhar nas trevas da ditadura Médici (1969-74). Para não se exilar de si mesmo, adaptou-se, embora mal, à existência aprisionada, isolada e solitária da vida familiar em São Paulo. Conformou-se à sua “gaiola de ouro” ou à “sua bela prisão”, como ele dizia, que lhe será imposta pela ditadura até 1977.

Mesmo prisioneiro e isolado, foi ali, no seu escritório que, voltando a habitar a sua língua e os ideais da sua gente, Florestan colocou-se a escrever a sua obra mais engajada, como a terceira parte do *A revolução burguesa no Brasil* (1975), *Circuito fechado* (1976), *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979), *Poder e contrapoder na América Latina* (1981), *O que é revolução* (1981) etc. Agora, socialista e sociólogo estão definitivamente fundidos no mesmo texto e o seu projeto é “enlaçar a sociologia como ciência, ao socialismo, como movimento político revolucionário” (1980: 15). Ademais, embora sua visada continue fortemente nacional, suas referências à América Latina se ampliam, tanto na temática, quanto em relação aos interlocutores.³⁰

A partir de 1980, a oposição à ditadura avança e tem início uma certa liberalização do regime. Florestan retoma algumas atividades públicas: várias palestras, cursos de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e, desde 1984, a atividade onde realiza sua vocação intelectual, a de publicista, especialmente uma coluna semanal na grande imprensa.³¹ Florestan havia encontrado sua melhor arma de combate à ditadura e ao capitalismo selvagem. Foi neste ofício que construiu uma tribuna de divulgação da sua interpretação da sociedade brasileira e do tipo de república que sonhava para o Brasil. Foi como contribuiu para a formação de uma comunidade de esquerda que avançou coesa na luta pela abertura democrática e pela Constituinte.³²

No fundo, cada artigo surgia como se eu estivesse escrevendo cartas aos leitores, largando a pele de sociólogo em troca do papel de publicista, agarrado com tenacidade às causas das

³⁰ O exílio é uma experiência vivida por milhares de intelectuais latino-americanos neste período. Ainda está para ser feita uma análise sobre o impacto das ditaduras militares na reconstrução do horizonte intelectual latino-americano. O fato é que houve uma radicalização intelectual e política a partir desta época. Florestan, por exemplo, fortalece seu diálogo com outros intelectuais latino-americanos como Orlando Fals Borda (Colômbia), Aníbal Quijano (Peru), Pablo Gonzáles Casanova (México), Jules Riverend (Cuba), José Nun (Argentina), com o qual conviveu no Canadá, e muitos outros.

³¹ O presente livro, *Brasil: em compasso de espera*, publicado originariamente em 1980, é um marco decisivo da nova fase da vida deste sociólogo que recorre a todos e quaisquer interstícios para engajar o pensamento socialista na luta contra a ditadura.

³² Os artigos foram publicados no livro *Que tipo de república?* (reeditado em 2007).

classes oprimidas, à ótica socialista da luta de classes e à difusão da desobediência civil como patamar inicial de uma revolução democrática de cunho proletário e popular (Fernandes, F., 2007: 23).

A luta do publicista desemboca na sua candidatura a deputado federal na Assembléia Nacional Constituinte de 1986, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 1980. No lançamento da candidatura, assume o compromisso de defender as causas e movimentos que deram sentido à sua vida, como a campanha de defesa da escola pública e os movimentos pelas reformas de base (Fernandes, F., 1989: 109); promete empenhar-se na defesa de medidas socialistas; combater as iniquidades econômicas, sociais e políticas; lutar pela igualdade racial, propondo medidas de teor compensatório etc. (Fernandes, F., 1989: 104-118). Eleito, luta bravamente, com seus quinze companheiros de bancada, para ver aprovadas as leis que poderiam pavimentar a construção de uma *democracia da maioria* apenas para comprovar que, ao contrário, a maioria dos constituintes tomava posição contra a reforma agrária, contra a reforma urbana, contra a exclusividade de verba pública para o ensino público; em suma, que na hora da verdade, ainda uma vez não estávamos criando as bases mínimas para a existência de uma sociedade civil civilizada (Fernandes, F., 1989: 206). Eleito para um segundo mandato, pelo mesmo PT, questionou os rumos de um partido que começava a transformar a luta eleitoral em sua luta principal; denunciou os riscos da burocratização interna e da cooptação;³³ e temeu que o PT se tornasse semelhante aos “partidos social-democráticos, que se identificam com um ‘socialismo de coabitação’, instrumental para a reforma capitalista do capitalismo”³⁴ (Fernandes, F., 1991).

Florestan foi inúmeros sujeitos; sua vida esteve marcada por conquistas e vitórias, mas, também, pelo medo, insegurança e desespero; perdeu-se pelos caminhos, mas recuperou seu destino, enfrentando as circunstâncias da sua vida com coragem, imaginação e muita dignidade.³⁵

Entre as suas contribuições à comissão de educação da Assembléia Nacional Constituinte, há uma proposta (derrotada) que é uma síntese das suas lutas:

A sala de aula é o ponto de partida e o ponto terminal do ensino como atividade pedagógica criadora. (...) Cabe à escola e à sala de aula (...) a formação da consciência

³³ Cf. *Pensamento e ação. O PT e os rumos do socialismo* (1989) e *O PT em movimento* (1991).

³⁴ Filho de um mundo no qual a palavra “revolução” tornou-se significante chave do discurso da esquerda, Florestan manteve-se dentro de um horizonte cultural para o qual o imperialismo norte-americano realizava o cerco capitalista ao mundo socialista; foi dos primeiros a ler e incorporar as teses do Consenso de Washington às suas análises sociológicas e assistiu à queda do Muro de Berlim com a convicção de que essa transformação afetaria o equilíbrio das acomodações, contradições e conflitos mundiais. Em relação à América Latina, estava convencido que haveria uma redefinição estratégica de geopolítica da dominação norte-americana, e exemplifica com o caso da Colômbia e o narcotráfico. (Fernandes, 1994: 91)

³⁵ Florestan faleceu em 1995, em decorrência de inúmeros transtornos decorrentes de uma cirurgia para implante de fígado — inclusive erro humano na hemodiálise —, que se tornou necessária por causa do agravamento de uma cirrose contraída em transfusão de sangue à qual se submeteu numa cirurgia anterior.

social democrática do cidadão e a construção de uma cultura cívica civilizada, (...) a identificação, a crítica objetiva e o combate aos preconceitos sociais contra os indígenas, o negro, os brasileiros estigmatizados por serem oriundos de regiões rústicas ou subdesenvolvidas, os pobres, os favelados, os portadores de deficiências físicas ou mentais, as mulheres, os idosos, os filhos ilegítimos e os menores abandonados, os transexuais, etc.; a inculcação do repúdio às práticas discriminatórias correspondentes, abertas ou encobertas, o estudo e a explicação da história real ou verdadeira do Brasil, com a explicitação dos crivos ideológicos, que fomentaram uma consciência falsa da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, com a exaltação do branco e das classes dominantes e o menosprezo do indígena, do negro e do branco ou mestiço pobres; a difusão do conhecimento dos Povos do Terceiro Mundo e em particular da América Latina; a compreensão do papel da luta de classes na transformação da sociedade moderna e na conquista da autonomia do Brasil em todas as esferas da organização da economia, da sociedade e da cultura” (Fernandes, F., 1989b: 219).³⁶

ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS SOBRE A OBRA

Florestan deixou uma vasta obra de interpretação da sociedade brasileira e da América Latina, que está sendo objeto de releituras acadêmicas. Uma delas afirma que existiria uma ruptura epistemológica separando a fase acadêmico-reformista da outra, político-revolucionária. Após 1969, “o novo Florestan não estará mais interessado em fazer análises sociológicas corretas (...) nem em contribuir para a construção de uma nova teoria do capitalismo dependente e sim em promover a verdadeira revolução socialista no Brasil”. (Freitag, 1987: 167) O sociólogo, apoiado em Mannheim, teria sido substituído pelo socialista, ancorado em Marx, e os textos do socialista romperam com os do sociólogo!

O problema é que esse tipo de leitura afirma que as posições políticas do autor decidem sobre os protocolos científicos da obra; segundo este argumento, o socialismo extravasaria os domínios da sociologia, embora o reformismo liberal não! O fato é que a obra mais volumosa de Florestan foi escrita depois de 1969. Ademais, embora reconhecendo que sua identificação com a sociologia e com os papéis intelectuais do sociólogo sofreram uma crise (1980: 13), mesmo assim Florestan nunca deixou de se reconhecer sociólogo — socialista, mas sociólogo! Não só afirmou a existência de uma “sociologia marxista” (1978: 127), como nunca defendeu que os métodos de investigação e interpretação devessem ser escolhidos por critérios políticos. Ao contrário, sustentou que a sociologia fornece diversos instrumentos de investigação escolhidos por critérios fornecidos pelos problemas investigados. Para ele, o método funcionalista é adequado à análise dos problemas sociais de curto prazo, como, por exemplo, aqueles decorrentes da implementação do planejamento socialista. Já o método dialético presta-se ao estudo das transformações histórico-estruturais (1978: 108). Mais ainda: para Florestan, os conceitos são instrumentos de trabalho,

³⁶ A proposta inspirou um movimento social e político chamado *Fazendo a Diferença com Florestan Fernandes*, coordenado pelo senador Paulo Paim (PT), que luta contra todas as formas de discriminação e preconceito nestas frentes que Florestan nomeou.

são ferramentas às quais ele recorre por sua riqueza explicativa, independentemente de onde são retirados.³⁷

Uma outra leitura acadêmica realça que se trata de uma longa e profunda reflexão histórico-sociológica sobre a revolução burguesa. De início, a questão dominante era saber se a sociedade brasileira teria condições de realizar uma revolução burguesa nacional-democrática-popular clássica, de estilo francês (Liedke Filho, 2005: 405). Este período poderia ser subdividido em duas fases: a da vigência da Hipótese da Demora Cultural (1954-1959) e a da dominância da Hipótese do Dilema Social Brasileiro (1959-1965).

De fato, para Florestan, “uma das hipóteses mais penetrantes da moderna interpretação sociológica é a da demora cultural” (1974: 100) porque ela presume a existência de um ritmo diferencial das mudanças nas várias esferas culturais e institucionais de uma sociedade. É por isso que, para ele, em períodos de transição, pode haver uma dissociação das temporalidades. No Brasil, o trabalho escravo foi substituído pelo trabalho livre, mas a mudança capitalista na esfera econômica não foi acompanhada pelas mudanças necessárias nas demais esferas; no plano político e administrativo, como também no cultural, foram mantidos os padrões de uma sociedade estamental e de castas. (1974: 100) Consequentemente, os trabalhadores se tornaram livres para vender sua força de trabalho no mercado, mas continuaram barrados como cidadãos de direitos e tratados como se fossem escravos. Assim sendo, graças à “inércia cultural”, o Estado divorciou-se da Nação (1974: 103). Portanto, o que demora é a democracia — e só a educação das massas populares, seja através da escola, seja através das lutas organizadas pelo sindicalismo e pelo socialismo, podem fazer avançar os ritmos das mudanças necessárias à realização de uma sociedade democrática.

Um certo otimismo que permeia esta primeira fase passa por uma diluição com a Hipótese do Dilema Social Brasileiro. É quando Florestan descobre que a mudança social necessária — a democracia — não demora por causa dos ritmos diferenciais de mudança, mas porque há um apego sociopático, isto é, patológico, ao passado (1962: 212). Em outros termos, as classes dominantes têm uma resistência sociopática às necessárias mudanças democráticas. “O dilema social brasileiro consiste numa resistência residual ultraintensa à mudança social, que assume proporções e consequências sociopáticas; (...) o empenho volta-se para a preservação pura e simples do status quo” (1962: 211). Por isso, em 1960, Florestan afirma que a aristocracia rural foi substituída por uma plutocracia urbana, “mais prepotente na manipulação do poder,

³⁷ É comum encontrarmos interpretações marxistas nas quais Florestan recorre aos conceitos retirados de Durkheim, como o de anomia, por exemplo, ou de Weber, como o de ordem social. Para Gabriel Cohn, sua obra é de um ecletismo bem temperado, pois “é preciso ter o domínio pleno dos instrumentos, é preciso ter a convicção plena da própria inserção no mundo, para se poder dar ao luxo de ser eclético” (Cohn, 1987: 53)

mais egoísta na defesa de privilégios intermináveis e mais voraz na luta pelo lucro a qualquer preço” (1976: 243).

Em 1964, com *A integração do negro à sociedade de classes*, a Hipótese do Dilema Social atingiu o máximo de tensão: a “perversão insidiosa” de uma sociedade que excluiu o negro, de modo parcial ou total, da “condição de gente”, e a resistência da classe dominante à igualdade dos cidadãos, tornam impraticáveis sequer “o padrão de democracia inerente à sociedade de classe numa economia capitalista” (1965, v. II: 1). Da perspectiva sociológica, a sociedade brasileira manteve “os modelos de comportamento, os ideais de vida e os hábitos da dominação patrimonialista” de uma sociedade estamental e de castas (1965: 25). A Hipótese do Dilema Social entrava num círculo vicioso que seria rompido com a redação da terceira parte do livro *A revolução burguesa no Brasil*, que marca a passagem para a última fase da obra de Florestan.

Explorei por minha própria conta as potencialidades desta leitura pela dominância de duas hipóteses sobre a revolução burguesa porque ela tem a vantagem de acompanhar momentos decisivos da interpretação sociológica de Florestan. Não obstante, ela tem o inconveniente de supor uma coerência explicativa de difícil sustentação. Na verdade, Florestan recorre às duas hipóteses segundo as conveniências da explicação. Não só as duas persistem ao longo de toda sua obra, como é possível encontrar textos nos quais ele utiliza as duas hipóteses simultaneamente. Na década de 1960, afirma que

o dilema número um da sociedade brasileira moderna é a demora cultural. (...) Em sentido bem mais penoso e dramático: existe uma resistência residual intensa à mudança, a qual se torna sociopática, nos círculos conservadores do país, concentrados nas cidades ou dispersos no vasto mundo rural e tradicionalista brasileiro (1976:133).

Com a redação da terceira parte de *A revolução burguesa no Brasil*, Florestan assume as teses da teoria do capitalismo dependente, graças às quais sua interpretação sociológica incorporou as determinações do imperialismo, da superexploração da força de trabalho, do desenvolvimento desigual e combinado etc., que o levam a apresentar a hipótese da dominação autocrático-burguesa como o reverso necessário do capitalismo selvagem. Ademais, a interpretação ganha uma hipótese nova: o desenvolvimento desigual e combinado propicia e alimenta a manutenção sobredeterminada das temporalidades. Por isso mesmo, já não se trata de demora, nem de ritmos diferenciais de mudança: o novo e o velho se complementam e se realimentam. Selvagem é a versão dependente do capitalismo; “estrangulada, distorcida e perversa” é a nossa versão da revolução burguesa (1982: 147). As lutas populares em torno da revolução dentro da ordem (reforma urbana, reforma agrária, reforma educacional, da cidadania, etc.) e da revolução contra a ordem continuarão pressionando pela realização da democracia da maioria.

Ainda assim, Florestan não abandonou as suas hipóteses anteriores. Mais propriamente, penso que elas foram recontextualizadas pela teoria da dependência. O sociólogo continuará sustentando que mantivemos “padrões de relações de classes típicos de uma sociedade escravista ou semiescravista” (1982: 122); ou que vivemos numa “ordem social que é de classes para as elites e para as classes dominantes, porém que é semiestamental ou estamental para as classes operárias e o povo em geral” (1976: 78).

Graças a esse extraordinário conceito de ordem social³⁸, o sociólogo manteve-se atento à exclusão da maioria da plena cidadania e o socialista não submergiu numa narrativa esquemática das classes sociais. Sua perspectiva sociológica manteve o foco nos condenados da terra e estes estão *aquém da classe operária*, ou *para além dos muros* da ordem social competitiva, continuam ali mesmo de onde ele próprio emergiu: “Os negros são os testemunhos vivos da persistência de um colonialismo destrutivo, disfarçado com habilidade e soterrado por uma opressão inacreditável. O mesmo ocorre com o indígena, com os párias da terra e com os trabalhadores semilivres, superexplorados das cidades” (1989a: 8).

Em suma, é bem provável que a sua obra seja uma contínua retomada, aprofundamento e enriquecimento das suas questões fundamentais. Certa vez, Florestan reconheceu que a sua pesquisa mais importante como sociólogo e como socialista foi aquela que fez com Roger Bastide sobre as relações raciais em São Paulo, em 1950. De fato, o sociólogo nunca mais deixou de se interrogar sobre o mundo da exclusão, da discriminação e do preconceito que, de fato, reencontrou, pois a pesquisa lhe rerepresentava vários dramas da sua infância de menino pobre. De certa forma, sua obra é uma interpretação teórica e política ininterrupta daquela monumental pesquisa empírica e da sua indignação com um mundo incapaz de se democratizar.

No *Brasil em compasso de espera*, a questão democrática, embora em novos termos, permanece no centro da sua interpretação:

O capitalismo que nos coube, com a forma correspondente de democracia, produziram e reproduziram incessantemente a anomia das classes destituídas e a marginalização política do proletariado (meios pelos quais se neutralizou ou se impediu, sistematicamente, que a luta de classe tivesse eficácia e assumisse teor político no polo do trabalhador). Para vencer a situação de anomia, que inibe ou paralisa a luta de classes, e a marginalização

³⁸ De forte inspiração weberiana, o conceito de ordem social é uma construção teórica de Florestan. Para Weber, ordem social é propriamente a ordem estamental, tipificada pela honra, modo de viver, desvalorização do trabalho físico etc. Esta ordem social é ameaçada pela raiz quando o lucro econômico e a mera aquisição material invadem o modo de viver. Por isso, a ordem capitalista é mais propriamente uma ordem econômica. Já Florestan usa ordem social, ordem senhorial-escravista, ordem social estamental, ordem social competitiva etc. O fato é que, graças à perspectiva propiciada pelo conceito, Florestan denuncia que, no Brasil, desde a abolição da escravidão, as relações de produção capitalistas convivem com uma ordem social estamental, e não só de classes. Revoluções dentro da ordem (como a reforma agrária) buscam realizar potencialidades próprias à ordem capitalista e são travadas pelas várias formas da dominação autocrática. Portanto, revoluções dentro da ordem são revoluções democráticas que visam a criar uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

política, que fomenta o despotismo burguês, o proletariado e as massas populares não precisam de antídotos reformistas do próprio capitalismo ou da democracia burguesa. Precisam do socialismo e, claramente, do socialismo revolucionário. É por aqui que a questão da democracia será reposta (...) nos seus verdadeiros termos” (1980: 27).

Aderindo às principais teses da teoria leninista, cuja obra leu integralmente,³⁹ Florestan convenceu-se que a revolução democrática — para não mencionar a revolução nacional (antiimperialista) — é incompatível com os limites inelásticos da ordem burguesa dependente, tornando-se, de fato, uma das tarefas, ou uma das fases, de um projeto socialista (Fernandes, H., 2006: 176).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. As formas da dominação burguesa no Brasil. *Idéias*, 1-2, jan./fev. de 1997, FCH/ UNICAMP.
- _____. Um pensamento insubmisso. Apresentação de FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global Editora, 2009, 4ª ed. revista.
- ARAÚJO, José Pessoa. *Florestan Fernandes, o engraxate que se tornou sociólogo*. São Carlos: Editora da Universidade, 1996.
- ARRUDA, Maria Arminda. *Metrópole e cultura. São Paulo no meio do século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CARDOSO, Miriam. Sobre a teorização do capitalismo dependente em Florestan Fernandes. In: FÁVERO, Osmar (org.), *Democracia e educação em Florestan Fernandes*. Niterói: EDUFF, 2005.
- CARDOSO, Fernando Henrique. A paixão pelo saber. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.), *O saber militante. Ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Unesp-Paz e Terra, 1987.
- CERQUEIRA, Lauez. *Florestan Fernandes. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- COHN, Gabriel. O ecletismo bem temperado. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.), *O saber militante*. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Unesp-Paz e Terra, 1987.
- COSTA, Diogo V. de A. O marxismo na sociologia de Florestan Fernandes. http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/15_10_2007_11_0_31.pdf.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Marxismo e “imagem do Brasil” em Florestan Fernandes. In: Id., *Cultura e sociedade no Brasil. Ensaios sobre ideias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FERNANDES, Florestan. *A sociologia numa era de revolução social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

³⁹ O impacto da teoria leninista na obra de Florestan é enorme e está sendo objeto de cuidadosa análise crítica -- especialmente a questão democrática e a questão da revolução passiva -- por inúmeros intelectuais socialistas, entre os quais destaco Antunes, R. (1997 e 2009), Coutinho, C.N. (2000), Netto, J.P. (2004) e Toledo, C.N. (1987 e 1998).

- _____. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 2 vs., 1965
- _____. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1974.
- _____. *A sociologia numa era de revolução social*, 2ª edição ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. *Brasil: em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. Florestan Fernandes, a pessoa e o político. Entrevista. *Nova escrita ensaio*, ano IV, nº 8, São Paulo: Escrita, 1980.
- _____. *A ditadura em questão*. São Paulo: TAQueiroz, 1982.
- _____. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989a.
- _____. *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989b.
- _____. *O PT em movimento*, São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. *Democracia e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *Que tipo de república?* São Paulo: Globo, 2007.
- FERNANDES, Heloísa. Capitalismo selvagem, dominação autocrático-burguesa e revolução dentro da ordem. *Margem esquerda. Ensaios marxistas*. São Paulo: Boitempo, nº 8, nov. 2006.
- FREITAG, Bárbara. Democratização, universidade, revolução. In: D'INCAO (org.), *O saber militante*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREITAS, Pinto. A sociologia em questão. *Ideias*. Campinas: UNICAMP, ano 4, nº 1/2, jan.-dez. 1997.
- FREYER, Hans. *La sociología, ciencia de la realidad*. Buenos Aires: Losada, 1944.
- GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino impar. Sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- IANNI, Octávio. Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira. In: IANNI, Octávio (org.) *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, 1986.
- LIEDKE Filho, Enno. A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 7, nº 14, jul.-dez. 2005.
- MARTINS, José de Souza. *Florestan Fernandes, sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- NETTO, José Paulo. Florestan Fernandes: uma recuperação marxista da categoria revolução. In: Id., *Marxismo impenitente: contribuição à história das idéias marxistas*, São Paulo: Cortez, 2004.
- SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. *Entre a nação e a barbárie: os dilemas do capitalismo dependente*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Florestan Fernandes, a inteligência militante*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes, o militante solitário*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- TOLEDO, Caio Navarro de. Hegemonia e poder político. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.), *O saber militante*. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora UNESP-Paz e Terra, 1987.

_____. Utopia e socialismo em Florestan Fernandes. In: MARTINEZ, Paulo (org.), *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998.